

## Ética, diálogo entre teoria e prática: por uma ética que nos re-mova e nos co-mova

Eva Aparecida Rezende de Moraes

*Eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância (Jo 10,10b).*

Jesus Cristo

*Tente mover o mundo – o primeiro passo será mover a si mesmo.*

Platão

*Aprendi através da experiência amarga a suprema lição: controlar minha ira e torná-la como o calor, que é convertido em energia. Nossa ira controlada pode ser convertida numa força capaz de mover o mundo.*

Mahatma Gandhi

O que é ética? Nasce conosco ou é determinada pelo meio em que vivemos? Desde muito tempo, buscamos responder a essas e outras questões afins. As respostas não são óbvias. Algumas linhas filosóficas defendem, a partir da decodificação do genoma, que possuímos um gene da ética, herdado de algum antepassado. Em 14 de janeiro de 2008, *Steven Pinker*, professor de Psicologia da Universidade de Harvard, escrevia um artigo no *New York Times*, intitulado "The Moral Instinct: Evolution has endowed us with ethical impulses. Do we know what to do with them?"<sup>1</sup>, onde levanta a possibilidade da existência da moralidade genética; pouco antes, em 2006, primatólogos defendiam essa tese, devido à presença de moralidade humana em animais sociais<sup>2</sup>; *Marc D. Hauser*, biólogo da Universidade de Harvard, propõe que as pessoas nascem com uma "gramática moral" em seus circuitos neurais, feita pela evolução; *Harper Collins*, também em 2006, lançava seu livro *Moral Minds*, onde argumenta que essa "gramática" gera julgamentos morais instantâneos e que são inacessíveis à mente consciente; *Robert Wright*, em seu livro *The Animal Moral*, afirma que a moralidade é uma adaptação projetada para maximizar geneticamente o auto-interesse, uma função que é inteiramente escondida da nossa experiência consciente... Assim, segundo esses autores, é preciso reconstruir a moral "de baixo para cima", na esteira de Darwin<sup>3</sup>; psicólogos, sociólogos e outros, ao contrário, nos garantem que a educação ética é mais importante na formação de uma pessoa do que sua genética... Quem está com a razão?

Mas este pequeno artigo não visa tratar disso: o que importa refletir aqui é *para onde vamos*, que caminhos éticos escolhemos para nossa vida e nossa sociedade. No dia a dia, buscamos organizar "nossa casa", nosso eu, nossos projetos e sonhos, nossas relações; buscamos, constantemente, escolher a melhor resposta frente aos desafios, experimentar, mudar, criar. É uma atividade e necessidade constantes, não particular desse ou daquele

<sup>1</sup> Cf. PINKER, Steven. "A Moral Gene. Ethics Blog". In: <http://www.rudermann.com/blogs/ethics/2008/01/a-moral-gene.html>.

<sup>2</sup> Cf. "The moral gene". In: <http://www.indianexpress.com/news/the-moral-gene/16009/>.

<sup>3</sup> Cf. PINKER, Steven. "Is There a Gene for Compassion?". In: [http://cogweb.ucla.edu/Abstracts/Pinker\\_on\\_Wright\\_94.html](http://cogweb.ucla.edu/Abstracts/Pinker_on_Wright_94.html).

momento histórico, dessa ou daquela cultura. Assim, a ética é sempre desafiadora e também, e talvez por isso, apaixonante. O autor *Nilo Agostini* defende, junto a outros autores, a articulação de três elementos fundamentais para uma sociedade saudável: *ethos*, *moral* e *ética*<sup>4</sup>. Segundo ele, existe uma dinâmica entre esses elementos, que interagem nas diversas culturas, na elaboração dos valores e na modelação dos comportamentos humanos. Cada povo, cada cultura, cada sociedade, cada pessoa, articulam esses três elementos, construindo seu modo próprio de habitar um espaço e um tempo, com regras e valores próprios. Para *Agostini*, o *ethos* é o fundamento, a base dessa interação; para *Fábio Konder Comparato*, *ética* é o conjunto de princípios e valores que norteiam a vida humana – princípios, adverte ele, que são normas de comportamento social (= cujo conjunto chamamos *moral*) e, não, simples ideais de vida<sup>5</sup>.

*Ethos* é o alicerce que sustenta o humano; é dinâmico e está na origem das normas comportamentais e da própria diversidade das culturas e religiões<sup>6</sup>. Para os que crêem, é a marca original do Criador impressa nos seres humanos; para os cristãos, Jesus Cristo resgatou este *ethos* em todo o seu vigor, numa conjugação simultânea e plena do divino e do humano. *Ethos*, portanto, é parte de nossa *transcendência*, aquilo que nos faz diferentes dos demais seres vivos; algo que transcende a biologia, a história, a finitude; é aquilo que nos marca, nos identifica. Os filósofos gregos clássicos criaram a palavra *ethos* e, em sua época, já distinguiam duas grafias e duas fonias: uma utilizava a palavra *ethos* (com um *épsilon*) para designar o costume, o comportamento, ou seja, a exterioridade de uma pessoa ou povo; outra era *aethos* (com a letra grega *eta*), e indicava moradia, lar, o lugar do seu eu, ou seja, o caráter, aquilo que somos, marcando, assim, a interioridade de uma pessoa ou povo.

Já a partir daqui, encontramos um desafio: o que nos define é o que *somos* ou o que *fazemos*? Em nossos juízos morais (dos fatos, de nós mesmos, dos outros, das sociedades, das culturas, das religiões), analisamos, geralmente, as *atitudes* ou a *essência* das pessoas? Como aprofundar nosso olhar crítico para aquilo que os outros realmente *são*? Como articular minhas atitudes pessoais com aquilo que realmente *sou*, aquilo que me move, me impulsiona? Cada espécie em nosso planeta – e não somente a *Homo sapiens sapiens*<sup>7</sup> – se define *pelo que é* e *pelo que faz* – é o que argumenta o autor *Mário Antônio Sanches*<sup>8</sup> (observe que ele usa a partícula “e” e, não, “ou”). A coerência entre o que se é e o que se faz é observada na maioria dos animais; entretanto, apenas o ser humano reflete sobre o que pode e o que deve

<sup>4</sup> Cf. AGOSTINI, Nilo. *Ética e Evangelização*. A dinâmica da alteridade na recriação da moral. Petrópolis: Vozes. 1994. P. 21ss.

<sup>5</sup> Cf. COMPARATO, Fábio Konder. *Ética*. Direito, Moral e Religião no mundo moderno. São Paulo: Companhia das Letras. 2006<sup>2</sup>. P. 494ss.

<sup>6</sup> Cf. AGOSTINI, Nilo. *Ética e Evangelização*, *op. Cit.*, p. 22.

<sup>7</sup> Atualmente, essa é a nossa classificação: nós, seres humanos, somos classificados como “sapiens sapiens”, ou seja, duplamente sábio. Nota da Autora.

<sup>8</sup> Cf. SANCHES, Mário Antônio. *Bioética*. Ciência e transcendência. São Paulo: Edições Loyola. 2004. P. 9.

fazer. Não agimos simplesmente de acordo com o que somos, nem nos definimos necessariamente pelo que fazemos: somos capazes de dissociar essas duas realidades e criar uma terceira – a esfera da decisão e do planejamento que direciona a ação. Diz Sanches que, se uma determinada ação não condiz com o que se espera eticamente de um ser humano, algum problema está acontecendo, e pode estar localizado na ação em si (que contradiz a realidade humana), ou na percepção do que significa ser humano. Assim, decidir sobre o que deve ser feito implica, também, uma decisão sobre sua própria identidade, forjando-a, recriando-a, revendo-a.

Para autores, como *Nilo Agostini* e *T. Goggi*, somente captamos o *ethos* de uma pessoa ou de um grupo ou de um povo, quando nos colocamos à escuta, quando perscrutamos as suas motivações e intenções profundas, o sentido de seus gestos e ações no interior de seu mundo cultural e existencial, nem sempre verbalizados<sup>9</sup>. Existiriam quatro caminhos que podem nos ajudar nessa tarefa: a *adaptação* (executar papéis ou funções dentro do mesmo grupo), a *associação* (captar elementos que atingem, desde os hábitos alimentares, até as relações sociais entre castas, raças e povos, incluindo, aqui, os preconceitos e estereótipos), a *interpretação* (explicar as expressões de sentido – como mitos, símbolos, crenças, artes, religiões,...) e o *pensar* (processo de afastamento e ruptura daquilo que é óbvio e captação da significação profunda das coisas e das pessoas). A articulação entre esses passos (ou caminhos, acima descritos) é *dialética, dinâmica e simultânea*: os passos não se dão de forma linear, mas envolvente. Estamos, o tempo todo, nos adaptando, associando, interpretando, fazendo e refazendo, captando o significado profundo.

Esse exercício (o esforço por captar a essência das pessoas e, não apenas, analisar suas ações) nos ajuda a *re-mover* e *co-mover* na direção de uma ética saudável. A palavra *mover* vem do latim – *movo, movere* – e possui vários significados na língua portuguesa: pôr-se em movimento, agitar-se<sup>10</sup>; dar, executar ou ganhar movimento; mudar de lugar; desencadear, promover, suscitar, provocar ou ter determinada emoção; andar em torno de um eixo ou um centro; ou induzir, persuadir, lançar ação judicial contra alguém; desenvolver teorias e sonhos (como “mover montanhas”). *Re-mover* tem, assim, o significado de fazer mudar de lugar<sup>11</sup>; de forma figurativa, pode ser usado como sinônimo de comover, inspirar dó ou compaixão – entretanto, *co-mover* (com destaque no prefixo “co”) significa se mover com alguém, ou por alguém. Uma ética que *re-mova* e *co-mova* é uma ética *analética* – o termo é esse mesmo: *analética*! Para *Feuerbach*, isto significa partir do diálogo do *Outro*, é um *saber-ouvir*, colocar-se num “face a face” ante o *Outro*, para que ele se revele, nos deixando

<sup>9</sup> Cf. GOFFI, T. *Ethos Popolare*. Brescia: Editrice Queriniana, 1979, P. 11s. *Apud ibidem*, p. 25.

<sup>10</sup> Cf. <http://www.priberam.pt/dlpo/mover>.

<sup>11</sup> Cf. <http://www.dicio.com.br/mover/>.

interpelar, nos deixando provocar<sup>12</sup>. É, segundo o autor, a única forma de não nos vermos como totalidade – ou como a *única* totalidade – que é a máxima do subjetivismo. O segundo passo é nos colocarmos *a serviço* do Outro: um *saber-servir* – ou seja, não basta saber dialogar e ser inteligente nas argumentações: é necessário, também, ser justo e ser bom! Somente diante da justiça e da bondade, a voz dos sem voz irrompe, evitando que a totalidade que cada pessoa é se feche em si mesma. Isso nos salva, eticamente falando: fechar-se sobre sua própria totalidade é um suicídio existencial.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) nos conclama a desenvolver uma ética *plenamente humana* e que atenda às *exigências éticas do Evangelho de Jesus Cristo*<sup>13</sup>. Esses dois eixos basilares, segundo o Documento, nos ajudariam a renovar a pessoa humana e nossa sociedade; a focar a ética na defesa da dignidade humana e dos ecossistemas; a superar a distância entre *ética pública* e *ética privada*; a superar o abismo entre a *realização pessoal* e a *responsabilidade pelo bem comum*. O Documento alerta que *não são dois caminhos*, duas éticas às quais podemos optar, mas um *único projeto*, que englobe a renovação pessoal e social – *ao mesmo tempo*. Na esfera pública (ou política), o caminho seria uma ética iluminada pelos princípios da *solidariedade* e da *participação*<sup>14</sup>. A vida política deverá reencontrar sua dignidade na edificação da cidade humana, onde todos tenham oportunidade de realização pessoal e de comunhão solidária; um dos pilares principais dessa edificação cidadã é promover uma ordem econômica social e política com as bases de uma economia solidária, real e eficiente<sup>15</sup>, combatendo o individualismo e o corporativismo. A ética não deve ser “mercado-cêntrica”, e a modernização científica e tecnológica não pode reduzir a pessoa humana a mera “mercadoria” ou “instrumento útil”. Essa ética “do bem comum” deverá valorizar a informação e seus meios, mas, também, visar sua democratização e uma educação do consumo e para o senso crítico.

A ética é uma construção ampla em nós, de muitos elos “articuladores”, o que se apreende ser necessário não dissociar nossa formação pessoal de valores e princípios de nossa ação comportamental: devemos ser o que fazemos, e fazer o que somos. Muitos desvios acontecidos em nossa sociedade existem por falta de formação ética da parte de muitos de nossos profissionais – são bons técnicos e competentes em diversas áreas, mas faltos de valores éticos fundamentais, que privilegiem o serviço ao bem comum, o diálogo, a partilha, a verdade, a felicidade. São esses e outros valores éticos que aprendemos em nosso berço: a

<sup>12</sup> Cf. Apud AGOSTINI, Nilo. *Ética e Evangelização*, op. Cit., p. 27-28.

<sup>13</sup> Cf. DOCUMENTO nº 50 DA CNBB. São Paulo: Paulinas. 1993. P. 87-90.

<sup>14</sup> Poderíamos acrescentar, aqui, o princípio da *subsidiariedade*. Esse princípio “*pretende assegurar uma tomada de decisões tão próxima quanto possível do cidadão, mediante a verificação constante de que a ação a empreender a nível comunitário se justifica relativamente às possibilidades oferecidas pelo nível nacional, regional ou local.(...) Este princípio está intimamente relacionado com os princípios da proporcionalidade e da necessidade...*”.

<http://www.dicionarioinformal.com.br/subsidiariedade/> . Nota da autora.

<sup>15</sup> Cf. DOCUMENTO DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA DE SANTO DOMINGO. N°s 296; 201. Apud *ibidem*, p. 88.

família e os primeiros grupos humanos dos quais participamos. Evidentemente, os meios de comunicação de massa e a globalização têm interferido nessa formação ética inicial, algo que não é, de forma imediata, danoso ou ruim. O choque de valores culturais, religiosos, familiares, tradicionais (= instituídos) e novos (= instituintes) deve vir acompanhado de diálogo e respeito mútuo: nem tudo o que é novo é ruim e nem tudo o que é do passado é bom; e, igualmente, nem tudo o que é novo é bom e nem tudo o que é do passado é ruim – cabe a cada um e a toda a sociedade, desde a família até as grandes instituições e associações públicas e privadas, um esforço para o fim do preconceito e a quebra de estereótipos, que mais atrapalham do que ajudam. O diálogo franco, o respeito ao pensamento diferente e o coração aberto são elementos fundamentais para esse exercício ético.

### **Para refletir:**

1. Como vimos acima, alguns autores atuais defendem que a ética deve ser desenvolvida “de baixo para cima” – ou seja, partindo da genética do indivíduo até atingir seu ambiente; outros, por sua vez, defendem que a maior influência (ou educação) ética deve ser feita “de cima para baixo” – ou seja: partindo do ambiente até chegar à genética do indivíduo. O que você pensa a esse respeito?

2. Parafraseamos, acima, *Platão*: “Tente mover o mundo – o primeiro passo será mover a si mesmo”. Então: como vencer, em nós, o forte individualismo moderno, que nos instala e nos acomoda e que nos impede de nos *re-mover* e *co-mover* diante da situação concreta do outro?

### **Bibliografia:**

- AGOSTINI, Nilo. *Ética e Evangelização*. A dinâmica da alteridade na recriação da moral. Petrópolis: Vozes. 1994.
- COMPARATO, Fábio Konder. *Ética*. Direito, Moral e Religião no mundo moderno. São Paulo: Companhia das Letras. 2006<sup>2</sup>.
- DOCUMENTO DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA DE SANTO DOMINGO. DOCUMENTO nº 50 DA CNBB. *Pessoa e Sociedade*. São Paulo: Paulinas. 1993.
- GOFFI, T. *Ethos Popolare*. Brescia: Editrice Queriniana, 1979.
- SANCHES, Mário Antônio. *Bioética*. Ciência e transcendência. São Paulo: Edições Loyola. 2004.

### **Webliografia:**

- PINKER, Steven. “A Moral Gene. Ethics Blog”. In: <http://www.rudermann.com/blogs/ethics/2008/01/a-moral-gene.html> .
- \_\_\_\_\_ . “Is There a Gene for Compassion?”. In: [http://cogweb.ucla.edu/Abstracts/Pinker\\_on\\_Wright\\_94.html](http://cogweb.ucla.edu/Abstracts/Pinker_on_Wright_94.html) .
- “The moral gene”. In: <http://www.indianexpress.com/news/the-moral-gene/16009/> .
- <http://www.priberam.pt/dlpo/mover> .
- <http://www.dicio.com.br/mover/> .